

Mobilidade em caminhos instáveis; as andanças de Madame Modlin¹

Felipe Evangelista

Introdução

No presente trabalho, proponho-me a seguir viagens feitas por Madame Modlin, uma mulher que se dedicou ao comércio durante parte importante de sua vida, e que, por esse motivo, circulou entre diferentes comunas e províncias no Haiti e na República Dominicana (RD). Moradora da zona fronteiriça entre os dois países, Modlin participou, em momentos distintos, do comércio de víveres voltado ao consumo interno no Haiti (ao qual se dedicam várias de suas vizinhas e amigas, e que hoje ela considera fortemente desvantajoso, por exigir esforços imensos em troca de recompensas pífiyas), do comércio de *pèpè* (bens industrializados de segunda mão, especialmente roupas, calçados, bolsas e mochilas) trazidos do Haiti para venda na RD, e ainda do contrabando de outras mercadorias, tanto de procedência dominicana rumo ao Haiti quanto vice-versa. Observaremos as condições empíricas de circulação, ressaltando a importância da construção e deterioração de caminhos e estradas, bem como os modos de compartilhamento de informações sobre suas aberturas e bloqueios, os perigos e empecilhos pró-

1 Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 10 e 12 de dezembro de 2018, em Brasília/DF. Agradeço a toda(os) os presentes na ocasião, no GT Antropologia das Mobilidades Contemporâneas, em especial ao debatedor Luzimar Pereira.

prios a cada rota, para compreender quem pode passar por onde e quando, e em que condições se pode permanecer.

As informações aqui contidas são fruto de um trabalho de campo que durou um total 16 meses, divididos em quatro períodos distintos. Nos dois últimos, eu vivi na casa de Madame Modlin com a família dela, por um total de dez meses. Madame Modlin é uma mulher perto dos seus 50 anos de idade, casada, mãe de sete filhos e avó de cinco netos. Ela vive em uma área rural do Plateau Central do Haiti, comuna de Belladère, fronteira com a província de Elias Piña, República Dominicana (RD). Seguiremos aqui sua história como uma trajetória composta por sucessivas modalidades de deslocamento, tanto dentro do Haiti quanto através da fronteira.

O forte dinamismo da economia popular haitiana faz com que quase todas as pessoas participem em uma ou outra modalidade de comércio. Um jovem compra um par de tênis para aproveitar uma boa oferta sem dar importância à descoberta de que eles não cabem no seu pé, pois sabe que irá revendê-los a algum amigo; um filho passa meses trabalhando em uma plantação para juntar dinheiro a fim de comprar um gerador de energia para presentear a sua mãe, e esta, por mais que aprecie a utilidade do presente, não hesita em revendê-lo assim que precisa de dinheiro rápido. Esses exemplos empíricos, pinçados entre tantos outros possíveis, apontam a fluidez da distinção entre objetos de uso pessoal e mercadorias disponíveis para venda, e mostram um tipo de engajamento difuso com o comércio.

É evidente que há modalidades mais densas, existem circuitos específicos, que mostraremos a partir das variadas formas em que Modlin se dedicou ao comércio, durante diferentes períodos da sua vida. Começaremos com o circuito dos víveres, passando ao florescimento do contrabando naquela vizinhança fronteira após a queda da ditadura dos Duvalier, em 1986, e, por fim, o circuito dos produtos têxteis de segunda mão, chamados de *pèpè*.²

2 Todas as palavras estrangeiras usadas no texto (tanto em crioulo haitiano quanto em espanhol) estão escritas *em itálico*. As traduções de palavras ou locuções estrangeiras para

Nota sobre a instabilidade dos caminhos

Há uma grande variedade de condições infraestruturais entre a estrada asfaltada e as trilhas atravessando morros, roças e riachos, pelas quais nenhum veículo motorizado terá chance de passar.

A estrada que passa perto da área da pesquisa é a Route Departamentale 31 (equivalente a uma estrada estadual). Construída originalmente nos anos 1930, ela era a principal estrada entre as duas capitais, Santo Domingo e Porto Príncipe. Ela se tornou um caminho secundário após a construção de uma nova estrada, que passa por Jimaní, Malpasso e Fonds-Parisien. A perda de prioridade enquanto caminho principal foi concomitante à falta de manutenção. Do lado haitiano, a estrada se encontrava num estado de deterioração lamentável antes das obras de reconstrução em 2013, sob o governo de Marthély. Embora atravessasse uma cordilheira, a distância entre Porto Príncipe e Belladère é relativamente curta, são cerca de 100 quilômetros. O cônsul dominicano Alberto Despratel Cabral (2005) relata que quando fez essa viagem em 2004 levou mais de 12 horas. As pessoas que conheci davam estimativas parecidas. Com a nova estrada (que, com exceção de um pequeno trecho em que ela desabou sobre o solo arenoso, está impecável), a viagem até Porto Príncipe foi encurtada de 12 para 2h30min.

A estrada nova não tem exatamente o mesmo desenho da antiga; em alguns trechos, passa por lugares diferentes. Ela passa a cerca de um quilômetro de um lugar que chamaremos de Nanteras, à beira da estrada antiga, feita de terra e de pedras. Nanteras é o ponto com acesso à energia elétrica mais próximo da casa de Modlin. Saindo de lá, pegamos um caminho de terra que no começo possui alguns metros de largura, podendo acomodar até um caminhão. Pouco à frente, o caminho se estreita, e os únicos veículos motorizados capazes de prosseguir são as motos. O caminho segue assim até uma ladeira íngreme e pedregosa. Não que seja a única opção possível,

o português aparecerão entre ‘aspas simples’. As citações de falas alheias, tanto citação de autores quanto citação de interlocutores no campo, entre “aspas duplas”.

mas por uma questão de prudência, os rapazes geralmente preferem deixar suas motos antes dessa descida, para conservá-las e não reduzir sua vida útil, preferindo fazer o resto do caminho a pé.

Ao fim da ladeira, há um pequeno rio. Em condições normais, no ponto mais fundo da travessia, a água bate nos joelhos de um adulto de altura mediana. Quando chove muito, aumenta o nível e principalmente a força das águas, havendo inclusive relatos de casos fatais de pessoas que foram arrastadas pela correnteza sem conseguir chegar à outra margem. Em condições normais, as motos são capazes de atravessar as águas, e os motoqueiros têm a habilidade de guiar com ambas as pernas levantadas quando desejam cruzar pequenos rios sem molhar seus calçados.

Após o rio, a subida é mais suave do outro lado. Segue o caminho de terra, pedregoso. O caminho é amplo quando há pouca vegetação nos lados, mas em alguns pontos se torna bem estreito em meio à vegetação fechada. Desse lado do rio, quase não se veem veículos motorizados; as pessoas se movimentam a pé ou em montaria animal. É possível seguir por esse caminho – que em alguns trechos lembra uma estrada de terra, em outros é tão estreito que se torna quase imperceptível em meio à vegetação – até dentro da RD, caminhada que as pessoas estimam durar cerca de quatro horas até atravessar a fronteira.

É difícil precisar em que medida esse caminho de terra batida foi criado por um esforço consciente, ou se foi apenas um resultado das constantes passagens de pedestres, batendo a terra com seus pés. A certeza é que, se o dono de um dado pedaço de terra decide arar (*sekle*) para plantar ali (fazer um *jaden*), ele pode destruir a golpes de enxada um trecho do caminho. Vi isso acontecer algumas vezes, e ninguém (fora eu) parecia se incomodar com o fato. As pessoas apenas davam a volta, e em pouco tempo a constante passagem de pedestres batia a terra a ponto de se tornar identificável um novo trecho do caminho, contornando a parte recém-destruída. O mesmo acontecia quando parte do caminho era destruído pela chuva ou pela erosão – logo se formava um novo trecho do caminho evitando aquele ponto onde a passagem se tornara difícil. A despeito de sua maleabilidade, esse

caminho é chamado de *gran chemen* [‘caminho principal’]. Por ele, passa o grosso do fluxo de pedestres e de animais de montaria. É um misto de trilha com estrada de terra.

Esse tipo de caminho orienta os locais de construção das casas. Elas não estão agrupadas próximas umas das outras, mas dispostas como se seguissem uma longa linha, relativamente distantes umas das outras. Algumas delas ficam à beira do caminho, enquanto outras ficam um pouco mais recuadas, às vezes (semi)ocultas por árvores ou por elevações no terreno. As vantagens e as desvantagens de construir sua casa à beira do caminho ou em um local mais recuado é um tema de debate entre as pessoas. Trata-se da busca por um equilíbrio entre privacidade e visibilidade, entre o resguardo de olhares e presenças indesejadas por um lado, e a necessidade de ser reconhecido e de receber visitas desejadas pelo outro. Além dos fenômenos naturais (como acidentes geológicos ou o curso dos rios), provavelmente os pontos de orientação na paisagem mais usados são do tipo “casa-de-fulano-de-tal”. É a partir dessas referências que se definem os caminhos, tanto pelo desejo de passar na casa de alguém quanto pelo desejo evitar o risco de encontros indesejados não passando perto de tal casa.

Saber andar é um valor, assim como conhecer diferentes ‘países’ [*peyi*]. Embora a palavra *peyi* possa ser traduzida como ‘país’, em seus usos práticos, cotidianos, ela costuma ser usada para extensões territoriais bem menores. Uma vizinhança é chamada de *peyi* em relação a outra localidade a alguns quilômetros dali; pessoas vindas de um *peyi* relativamente próximo podem ser chamadas de estrangeiras [*etranjè*] (principalmente quando a qualidade de estrangeiro se manifestar em algum tipo de ignorância sobre aquele espaço, como a ignorância dos caminhos e das melhores formas de percorrê-los, ou do custo de determinados serviços e mercadorias naquele local). Contudo, ambas se considerarão do mesmo *peyi* quando estiverem lidando com alguém que vem de mais longe, como um tipo de lógica geográfica segmentar, composta por camadas sucessivamente englobantes (como uma cebola). Existe, assim, um tipo de cosmopolitismo camponês, de valorização desse conhecimento geográfico.

Há, ainda, um termo importante a mencionar: *mawon* [“fugir”, “esconder-se”]. Aqui, a ressonância dos tempos da escravidão é evidente. No mundo francófono, a palavra *marronnage* designa o ato de fuga da escravidão, e *marron* é o escravo fugido.³ No Haiti contemporâneo, ambas as formas (*mawonaj* como substantivo, *mawon* como verbo) são palavras de uso cotidiano. Quando uma pessoa endividada evita seus credores, não passa perto de lugares onde eles possam estar, e se esconde quando um deles vem procurá-lo, ela [pessoa está] está *mawon*, não em geral, mas especificamente *mawon* dos credores. Trata-se de uma fuga direcionada, de desaparecer da vista de uma pessoa específica sem necessariamente retirar-se do convívio normal. Braum (2014) também mostra como o termo é usado quando membros de grupos armados estão sendo caçados por grupos rivais e precisam passar um tempo na *mawonaj*, em geral longe dali, fora de Porto Príncipe (que é o local de sua pesquisa) ou mesmo fora do país. Um rapaz que engravidou uma moça por acidente e não quer assumir o bebê pode *mawon* da família dela, o que nesse caso costuma implicar sumir do local que habitava até então. O termo é usado para situações sérias mas também para outras mais prosaicas, por exemplo, amigas que assumem em conjunto o compromisso de cozinhar para uma celebração qualquer, e uma delas resolve *mawon*, ou seja, não aparece no dia. Em suma, é a palavra usada quando alguém ‘foge’ ou ‘se esconde’ de um trabalho, de uma situação, de uma pessoa, ou de um conjunto de pessoas.

Diversas providências podem ser tomadas no intuito de tornar possível essa movimentação despercebida. Passar por caminhos pouco percorridos e de difícil acesso é parte desse universo. Fica claro que a história da emergência do espaço camponês no Haiti (onde há continuidade entre a *marronnage* das *plantations* coloniais e a *mawonaj* frente às forças administrativo-policiais do Estado haitiano pós-independência, onde a expansão territorial se deu como movimento espontâneo de famílias que

3 Segundo o dicionário Larousse, esse sentido da palavra *marron* na língua francesa tem origem no mundo colonial franco-antilhano, e é uma derivação do espanhol *cimarrón*.

buscavam uma existência autônoma, distante dos mecanismos de controle implantados pela elite) é fundamental para que se compreenda não só a origem, mas o estatuto da instabilidade dos caminhos e das rotas no Haiti contemporâneo. Embora essa instabilidade seja em alguma medida reativa, fruto da precariedade infraestrutural à qual não resta alternativa senão a adaptação (e como tal percebida como um problema para o qual se reivindicam soluções), ao mesmo tempo ela é também cultivada e instrumentalizada enquanto recurso.⁴

Ponto de partida

Na infância, Modlin morou com seus pais em uma ‘seção comunal’ (a menor divisão administrativa no Haiti, antes chamada *section rurale*, hoje *section communale*) subordinada à comuna de Belladère. Como nossa proposta é etnográfica, mais do que as categorias oficiais, serão as categorias usadas pelos moradores que nos orientarão, visto que estas identificam esse local como uma ‘vizinhança’ [*vwazinay*] chamada Botoncy.

Temos um conjunto de termos que são híbridos entre conceitos espaciais descritivos e referências de classe, como *mòn* [‘morro’, ‘monte’, ‘montanha’], *raje* [‘mato’] e *andeyò* [‘lado de fora’]. Chamar alguém de *moun mòn* ou *nèg mòn* [lit, ‘gente da montanha’] é uma ofensa que podemos traduzir como ‘caipira’, ‘ignorante’, gente que não estudou e que desconhece tanto os costumes urbanos como os objetos tecnológicos. A palavra *campesino*, em espanhol, é usada também como um xingamento. As pessoas não gostam de se reconhecer nesse lugar, ainda que façam piadas

4 Gérard Barthélemy (1989) desenvolveu um argumento análogo no seu *Le Pays En Dehors*. Há como uma estética da precariedade no Haiti camponês (poderíamos reformular como “Haiti das classes populares”, pois o argumento parece igualmente válido nas cidades). Ao mesmo tempo em que ela é fruto da falta de dinheiro e recursos (dificuldades enfrentadas por pessoas que, sem a menor sombra de dúvida, prefeririam não passar por tais dificuldades), ela é também um instrumento de resistência, um meio eficaz de frustrar tentativas de controle externo.

a respeito e que se xinguem uns aos outros nesses termos. A opinião geral na vizinhança é que os verdadeiros *campesinos* são aqueles que habitam lugares mais distantes, assim como o que é propriamente a ‘montanha’ é o que fica mais além.⁵ Enquanto termo descritivo, ‘mato’ se refere aos espaços onde a vegetação cresce por conta própria, alheia ao domínio humano. Mas, quando se diz que tais pessoas moram ‘no mato’, o sentido é parecido com o de ‘montanha’, porém ainda mais pejorativo.

O termo *andeyò* [lit, ‘do lado de fora’] é uma denominação comum para o mundo rural, em oposição à cidade.⁶ Mas há graus sucessivos de dentro/fora. Se, do ponto de vista dos habitantes do centro de Belladère, Botoncy é uma zona dita *andeyò* [‘zona rural’], ou, de forma mais ofensiva, *nan raje* [‘no mato’], do ponto de vista dos habitantes de Botoncy os locais verdadeiramente *andeyò* são os que estão mais longe, mais isolados.

Essa distância relativa se refere não só às cidades, ou aos chamados *bouk*.⁷ A referência fundamental está espacialmente dispersa: é o acesso a facilidades infraestruturais urbanizantes, principalmente a rede de energia elétrica e as estradas (asfaltadas ou de terra). Em geral, as duas coisas vêm juntas – os postes que sustentam a fiação que transmite a energia elétrica

5 Em uma dinâmica análoga àquela identificada por Motta (2014, p. 154) no Complexo do Alemão, onde o uso dos termos “pobre” e “pobreza” parece apontar sempre para lugares e pessoas mais além, dos quais se deseja marcar distância (referindo-se ao próprio interlocutor apenas quando este deseja enfatizar injustiças sofridas que merecem compensação).

6 Na composição demográfica do Haiti pré-século XXI, as cidades eram pouco populosas comparadas ao campo, de forma que aqueles “do lado de fora” eram mais de 90% da população total.

7 Em cada ‘comuna’ (subdivisão territorial equivalente ao município no Brasil), existe um tipo de centro que sedia todo o aparato administrativo (além de concentrar ruas, casas, escolas, igrejas, estabelecimentos comerciais etc.), ao qual se dá o nome de *bouk*. Poderíamos traduzir *bouk* como ‘povoado’, ou ‘cidade pequena’. Contudo, na fala local não se usa a palavra ‘cidade’ para nenhum outro lugar além de Porto Príncipe, cidade que aliás quase nunca é chamada por seu nome próprio, é sempre ‘a cidade’ [*lavil*]. O caso é parecido com a cidade de Santo Domingo, sempre chamada de *La Capital* – o nome *Sen Domeng* é usado para a República Dominicana como um todo. As urbanidades menores ou são chamadas de *bouk*, ou (uso mais frequente) por seus nomes próprios.

costumam estar enfileirados ao longo das estradas. Uma vizinhança sem rede de fiação elétrica é mais *andeyò* do que a outra que tem luz, assim como a vizinhança que fica a meia hora de distância a pé do ponto mais próximo onde se tem energia elétrica é menos *andeyò* do que aquela que fica a uma hora e meia de distância, e assim sucessivamente.

O caminho entre a vizinhança de Botoncy e o centro de Belladère leva algo em torno de três horas de caminhada. (Se isso parece muito *andeyò*, leve-se em conta que a vizinhança de Laiai, lugar de origem da mãe de Modlin, fica pelo menos duas vezes mais longe.) Havia uma escola em Botoncy, mas o ensino oferecido aí só ia até o terceiro ano do ensino básico. Para completar seus estudos, seus pais mandaram-na a uma escola em Belladère. Com um pouco de sorte conseguia uma carona (havia um razoável fluxo de animais de montaria), quando não, ela percorria o caminho entre os dois locais a pé (na época, a disponibilidade de mototáxis não era tão grande quanto hoje). O arranjo feito para lidar com a distância foi que, durante a semana, Modlin – então uma criança de dez anos de idade – passou a dormir em Belladère, voltando à casa dos pais toda sexta-feira, ao fim do horário escolar, para passar o fim de semana.

Anos mais tarde, as distâncias aumentaram, e pelos mesmos motivos – a escola que ela frequentava em Belladère não tinha ensino médio, o que, para os padrões daquele tempo, era um nível de escolaridade alto. Assim, ela foi mandada a Porto Príncipe para continuar os estudos, e também a Gonaïves (a terceira maior cidade do Haiti), devido ao oportuno surgimento de uma vaga num projeto cujo escopo estava fora do currículo escolar comum: quando tinha entre 14 e 15 anos de idade, ela passou pouco mais de um ano nessa cidade, recebendo treinamento como agente de saúde (aprendeu a aplicar soro, injeções, noções básicas de enfermagem) e em pequenos artesanatos.

Pagar os estudos das crianças era um sacrifício excepcional. A maioria das famílias da região ou nunca teve tantos recursos, ou nunca se propôs a empregá-los dessa forma. Grande parte dos adultos da mesma faixa etária de Modlin, em torno dos 50 e poucos anos, nunca aprendeu a ler (en-

tre as gerações mais jovens, por outro lado, os índices de alfabetização são seguramente muito mais altos). Tais deslocamentos não poderiam jamais depender de hotéis, cujo custo, mesmo para uma família de condições econômicas acima da média da vizinhança, como a dela, era absolutamente inviável. Assim, seus pais mobilizavam uma rede de parentes, conhecidos e amigos a quem pudessem confiar sua filha para ficar hospedada na casa deles. Esse tipo de mobilidade é razoavelmente comum para a juventude haitiana. Os jovens de Lakaniyt que eu conheci que foram estudar em Beladère, Lascahobas ou Porto Príncipe foram todos abrigados em casas de gente conhecida por seus pais ou responsáveis (em nenhum dos casos de que tive notícia os adultos responsáveis deixaram a cargo da geração mais nova o estabelecimento de tais redes).

Essa circulação entre casas em diferentes províncias, cidades e mesmo países, ainda que, em sua origem, seja articulada por motivos outros, é um fator essencial na criação de condições de possibilidade para fazer comércio atravessando distâncias mais longas.

Embora seja um motivo frequente entre os mais jovens, nem todos os deslocamentos são motivados por oportunidades educacionais. Foi com o simples pretexto de visitar parentes que Modlin foi pela primeira vez a *la capital*, que é como chamam a cidade de Santo Domingo (RD). Lá viviam sua irmã mais nova, uma tia e várias primas. Embora nesse primeiro momento ela não tenha movimentado mercadorias entre os dois países, tal reconhecimento de terreno (da capital e principalmente de como se fazia para chegar lá) impactou sua vida futura, abrindo caminhos que seriam certamente mais difíceis caso não tivesse a quem visitar por lá.

A princípio, as meninas mais novas não fazem muito mais do que se sentar próximas às suas mães e passar o dia com elas. À medida que ficam maiores, elas começam a ajudar mais em algumas tarefas, como a embalagem (a separação do conteúdo de mercadorias formando novas unidades que são a medida da revenda), o processo de guardar o que sobrou para levar ao depósito [*depo*] no fim do dia, caminhar pelo mercado vendendo coisas pequenas em cestas levadas à mão ou sobre a cabeça (nessas rondas

assumidas pelas crianças, os produtos típicos são balas, doces e biscoitos), transmitir e receber recados, levar e trazer dinheiro a/de outras pessoas, comprar algo que a mãe lhe encomende, e tomar conta de banca e fazer as vendas nos momentos em que a mãe precise se ausentar por um motivo qualquer.

Sua mãe frequentava regularmente diversos mercados tanto no Haiti quanto na República Dominicana, em locais tão longe da fronteira quanto Las Matas de Farfán (a cerca de 40 km de distância da casa de seus pais). Tais trânsitos permitiram que Modlin se familiarizasse com o idioma castelhano desde cedo, bem como com outras ações próprias ao ofício.

Para ela, como para tantas outras, o aprendizado dos caminhos foi indissociável daquilo que foi aprendido ao lado da mãe. Dado o papel crucial dos mais velhos para tornar viáveis os deslocamentos dos mais jovens, logo se vê quão desvantajoso é um ponto de partida de uma jovem sem ‘gente atrás’ [*moun deyè*] de si, ou seja, sem pessoas mais velhas, cujos nomes carreguem um peso maior que o dela própria, dispostas a dispensar esforços para lhe abrir caminhos. O que aqui chamamos de abrir caminhos é tanto poder dispor de casas onde dormir, onde guardar mercadorias e onde se esconder caso necessário, ter apoio logístico para transporte, segurança e contato com fornecedores, quanto também conseguir dinheiro e/ou acesso a outras formas de crédito.

Antes que conquistasse independência enquanto comerciante por si mesma, Modlin vendeu ainda cachaça [*kleren*] para sua mãe. A mercadoria comprada por sua mãe com produtores no Haiti era levada em baldes [*bo-kit*] ou galões [*galon*, embalagem maior que o galão padrão norte-americano de 3,8 litros; numa estimativa grosseira, deve comportar algo entre sete e dez litros] para ser revendida em pequenas quantidades,⁸ em povoados

8 Nos mercados haitianos contemporâneos, a maioria das vendas de cachaça [*kleren*] para consumidores finais é de alguma medida entre a medida feita através de um pequeno tubo de plástico, chamada *wityème* [lit., “um oitavo”, ou 1/8], até 1 garrafa plástica [*gode* ou *po* – além de embalagem, esse segundo termo significa também ‘pele’ e ‘casca’] de 500 ml cheia.

dominicanos próximos à fronteira, onde Modlin ficava por alguns dias, até acabar de vender tudo.

Pequeno comércio

Ainda menor de idade, não tendo dinheiro próprio, foi financiada por seu pai de uma forma que ela considera especial e generosa. Nesse universo, é comum que os pais e mães financiem as jovens que desejam começar a fazer comércio não como uma dádiva, mas como um empréstimo. No caso dela, não havia nem data para devolução, nem a expectativa de pagamento de qualquer valor monetário definido, apenas o imperativo moral de que, quando chegasse o momento, ela cuidaria de seus pais assim como eles estavam cuidando dela.

Seu capital inicial foi investido em produtos agrícolas locais. Para montar sua banca nos mercados, havia duas fontes principais. A primeira, mais estável, consistia em comprar na mão de grossistas (geralmente nas lojas de maior porte chamadas *magazen*) embalagens grandes para revender em porções menores. Esse tipo de subdivisão é uma das operações mais comuns no chamado ‘pequeno comércio’ [*ti komès*] no Haiti. A segunda consistia na compra direto com produtores. Essa opção é mais incerta, arriscada e potencialmente lucrativa. Ambas funcionavam ao mesmo tempo, em complementaridade.

A compra em unidades grandes para revenda em unidades pequenas é o tipo de comércio que, potencialmente, pode ser feito percorrendo as menores distâncias possíveis. Por vezes, não há mais que poucos metros de distância entre a *magazen* de onde se compra e o local onde o produto será revendido. Outras vezes essa distância é bem maior, como quando são produtos comprados em armazéns dominicanos sobre a linha fronteira para revenda em Belladère e em outros mercados haitianos.

Essa modalidade de abastecimento do comércio costuma ser feita por adiantamentos [*avans*] em mercadoria. Por exemplo, a comerciante pega um saco de 30 kg de arroz, que revende na medida de uma pequena vasilha

chamada *gode*. Apenas quando acaba de vender tudo, o que pode acontecer no mesmo dia ou só na semana seguinte, é que ela paga pelo saco. Geralmente no ato do pagamento já toma o empréstimo seguinte, que é o próximo saco, adiantado. Esse tipo de consignação é amplamente praticado no ‘pequeno comércio’, e é uma modalidade que as comerciantes menos capitalizadas têm dificuldade em evitar. Entre as comerciantes, parece haver consenso na opinião de que pagar com ‘dinheiro na mão’ [*lajan nan men*] é preferível a passar o dia vendendo coisas que não são suas, não só porque nesse caso costumam-se conceder pequenos descontos, mas também porque nesse caso o lucro (o dinheiro que se ‘faz’) pertence direta e imediatamente à comerciante. Muitas vezes, nos mercados escutei a afirmação de que “nada disso que estou vendendo é meu, é tudo emprestado”, como um lamento afirmando que aquela era uma vida de privações.

Dispor de antemão do dinheiro que permitiria entrar no comércio sem contrair dívidas é, nesse universo, um luxo excepcional. Algumas delas conseguem gerir muitos desses empréstimos simultâneos de tal forma que, embora o lucro por cada produto revendido seja pequeníssimo (por exemplo, no caso de dois dos produtos vendidos em maior quantidade, arroz e óleo, as taxas de lucro ficam um pouco abaixo de 5%), somados os pequenos lucros de cada um dos produtos, se consiga ‘fazer’ o bastante para formar capital até o ponto em que se consiga abastecer o comércio sem gerar novas dívidas. Contudo, isso exige uma excepcional capacidade de gestão, controle de gastos, boas relações com fornecedores e clientes, e depende também do número de pessoas que ela precisa sustentar (que uma jovem comerciante sem filhos consiga, em um dia de mercado, vender por três mil dólares haitianos, a uma média de lucro de 5%, é evidentemente muito diferente da situação de outra comerciante que, vendendo o mesmo tanto, é mãe de 11 ou 12 filhos). Na maioria dos casos, as dívidas são roladas adiante indefinidamente, tornando-se um estado permanente, num equilíbrio dinâmico mantido entre uma multiplicidade de credores.

No começo de sua atividade como comerciante autônoma, Modlin conseguiu aumentar seu capital inicial, dado por seu pai, menos pelos

lucros do que fora efetivamente revendido, e mais através de empréstimos sucessivos e de valor crescente. Modlin evitava o arranjo das mercadorias ‘avançadas’ [*en avans*], que, como a maioria das comerciantes, ela considera desvantajoso (teve o privilégio de não precisar recorrer a isso). A forma como expandiu seus negócios foi através de empréstimos de dinheiro em espécie, não apenas com parentes e vizinhos em melhor condição econômica e com cambistas/agiotas profissionais, que são as modalidades de empréstimos mais praticadas na região, mas inclusive em instituições financeiras formais, o que é menos comum.

Ela começou com a venda de produtos agrícolas locais. O engajamento mais básico com o comércio no Haiti é levar ao mercado a parte da produção familiar que não será comida em casa. Tomando a família enquanto unidade produtiva, grosso modo, a divisão básica é o trabalho com a terra como responsabilidade masculina, e a comercialização daquilo que foi cultivado como atribuição feminina. A mulher que leva ao mercado produtos de uma ‘roça’ [*jaden*] de sua família ou de algum conhecido, seguindo o ritmo de colheitas específicas, é diferenciada daquelas que tiram o grosso do seu sustento da atividade incessante de comprar para revender em busca de ‘pequenos lucros’ [*ti benefis*]. No vocabulário local, as primeiras vão vender, mas apenas as segundas estão de fato ‘fazendo comércio’ [*fè komès*]; mas são estas que estão presentes nos mercados de forma constante, e não apenas por ocasião dos ciclos deste ou daquele cultivo. Elas têm uma rotina de deslocar-se para encontrar fornecedores de algum produto específico ou para levar produtos a determinados lugares onde as pessoas paguem mais caro por eles.

Eu presenciei ocasiões em que Modlin foi ao mercado para vender o que fora produzido não só por seu marido e seus filhos mas também por vizinhos e amigos, o que ela fazia como uma gentileza, sem levar comissão alguma, o dinheiro da venda era integralmente remetido ao dono (considera-se como dono a pessoa responsável pela plantação de onde os produtos saíram), que podia retribuir o favor de diversas formas, financeiras ou não, imediatas ou tempos depois. Em todo caso, qualquer tipo de pagamento por

esse serviço era também compreendido em termos de gentileza, de uma generosidade supostamente espontânea e não obrigatória. Nessas ocasiões, ela me corrigiu quando eu chamei aquilo de comércio – “não, vamos só vender isso aqui, isso não é fazer comércio”.

Ao contrário da venda dos frutos de uma dada colheita, é preciso ter ‘dinheiro na mão’ para comprar direto com produtores. Mas dinheiro (ou crédito) é apenas o primeiro dos pré-requisitos necessários. O segundo, quase tão importante quanto o primeiro, é saber falar bem com as pessoas.

Desenvolver o tema da produtividade relacional do comércio no Haiti nos afastaria do escopo deste texto – aqui, trago o tema na medida em que ele incide diretamente sobre as formas de mobilidade, como no caso do abastecimento através da compra diretamente com produtores. As rotas de cada comerciante são, em certa medida, definidas pelos contatos que cada uma delas estabelece, a tal ponto que criar e manter relações, além de ter valor intrínseco, é também um método de navegação.

As relações que se produzem no caminho não são apenas entre compradoras e produtores/vendedores, mas também entre colegas que se acompanham nas andanças, às quais se dedicam com os mesmos objetivos. Roger, marido de Madame Woje, conhecia a família de Modlin há mais tempo, pois frequentavam as mesmas igrejas. Modlin e Woje se conheceram a partir do casamento da segunda, quando elas passaram a morar na mesma zona e frequentar a casa uma da outra. Ambas eram jovens que buscavam se estabelecer como comerciantes, e começaram a andar juntas. Tal prática parte tanto de um desejo (recíproco) de sociabilidade quanto como uma medida de segurança. A amizade entre elas encontrou nessas andanças um solo fértil para florescer. A atividade de desbravar interiores, além de alimentar um *ethos* aventureiro e independente, tinha também como objetivo ganhar acesso direto aos produtores. As duas circulavam juntas, trocavam gracejos com pessoas que conheciam pelo caminho, dormiam em casas alheias, fazendo amizade e tornando-se conhecidas nesta ou naquela localidade. “Andávamos tanto que muita gente nem acreditava que fôssemos casadas de verdade, diziam que marido nenhum deixaria a gente

andar solta assim”, conta Modlin, orgulhosa em afirmar o quanto ela nunca deu (e continua não dando) a seu marido qualquer direito de cercear seus movimentos. O fato de ela manejar quantias de dinheiro significativamente maiores que ele só reforçava o quanto ela sentia não lhe dever quaisquer satisfações a esse respeito.

Numa dessas ocasiões conseguiram ficar ‘bem com’ [*byen avè*] produtores de laranjas perto de Laiai. Essa parceria durou cerca de três anos, nos quais elas comercializaram a totalidade das colheitas. Quando se dispõe de estoques fartos, a prática é vender tudo rapidamente em grandes porções [*an gwo*] para outras comerciantes que revenderão em quantidades menores [*an detay*, lit. ‘em detalhe’]. Notemos que as práticas comerciais e as relações por ela engendradas são inseparáveis das condições empíricas de estocagem. Dada a escassez da energia elétrica, adentramos zonas onde não é possível dispor de qualquer equipamento de refrigeração em funcionamento por quilômetros. É inevitável que a velocidade do apodrecimento paute o ritmo de circulação de cada produto. Laranjas são frutos perecíveis demais para ficarem paradas, precisam se mover rápido. O que Modlin e Woje faziam, portanto, era juntar e transportar aos mercados, em grandes volumes transportados por animais de carga, estoques que revenderiam no menor tempo possível.

O movimento entre ordens de grandeza

Nesse ponto, encontramos outra modalidade de movimento, que usando um termo proposto por Carneiro e Dainese (2015), podemos tratar como um “movimento intensivo”, no sentido de que são mudanças qualitativas que não guardam relação necessária com qualquer espaço geográfico efetivamente percorrido.⁹ Trata-se de um movimento entre diferentes unidades

9 Contudo, essa apropriação conscientemente altera o sentido original proposto pelas autoras, uma vez que elas o usam para descrever mudanças morais ou estados de ânimo em agentes humanos, e aqui a mudança que desejamos descrever está centrada não nas

formadas (e desfeitas) através da agregação (e desagregação) de estoques, um movimento de escala entre dois polos comparativos, caracterizados como *gwo* (lit, ‘grande’) e *detay* (que aqui significa ‘quantidade pequena’). Como um experimento, chamaremos as direções de tais movimentos intensivos de ascendente quando vai de uma escala menor para uma maior, no processo de formação de estoques, e descendente quando, ao contrário, o movimento é de subdivisão de unidades maiores em unidades menores (aqui, excepcionalmente nos descolamos da forma como as coisas são ditas em crioulo haitiano, esses são termos propostos por mim). Embora não por necessidade, a tendência empírica é de que esse movimento entre ordens de grandeza esteja articulado com as distâncias espaciais transpostas (‘movimento extensivo’) e com os meios de transporte empregados.

Assim, quando o resultado de uma colheita é levado ao mercado, sua direção típica é ‘ascendente’. Um exemplo concreto: uma comerciante compra um saco contendo, digamos, dois talos com quatro ou cinco cachos de banana em cada um. Ela não compra para revender bananas unitárias a consumidores finais, operação que faria pouco sentido em uma zona produtora de bananas, onde a maior parte das pessoas, na maior parte do tempo, pode conseguir bananas unitárias para comer por canais não monetarizados, seja cultivando-as em suas próprias terras, seja através da circulação de alimentos em forma de presentes entre vizinhos e amigos. Não é impossível que, em meio aos imponderáveis da vida real, ela revenda algumas unidades ali mesmo – mas isso seria certamente uma ocasião excepcional, nunca o objetivo prioritário. Ao comprar aquele saco, seu objetivo é formar um estoque maior, composto por muitos sacos, o qual será, então, transportado a uma longa distância, e só então esse estoque será desmembrado.

No comércio de gêneros agrícolas para consumo interno, transpor grandes distâncias só é vantajoso se a quantidade levada for grande o bastante para que o lucro da revenda pague a viagem. As personagens dedi-

_____ pessoas e sim nas coisas, mais precisamente na circulação de objetos enquanto mercadorias.

cadadas a essa modalidade de comércio a longa distância, tradicionalmente entre as províncias e Porto Príncipe, são conhecidas como *madanm sara*.¹⁰ Em sua ampla maioria mulheres, elas são personagens centrais no sistema de comércio haitiano, e o abastecimento das cidades depende em larga medida da atuação delas (ANGLADE, 1982; MINTZ, 1964; MURRAY; ALVAREZ, 1975; STAM, 2013, SCHWARTZ, 2012). Também se usa como verbo, ‘fazer sara’. As *madanm sara* mais capitalizadas chegam a terceirizar a busca por estoque nas áreas rurais a pessoas a quem confiam seu dinheiro, outro personagem nessa taxonomia. Eles são chamados *sekretè*, e, curiosamente, costumam ser homens, contratados por mulheres para comprar estoques em nome delas (MURRAY; ALVAREZ, 1975).

Por outro lado, a operação de subdivisão que já descrevemos acima é um movimento em direção ‘descendente’. O chamado ‘pequeno comércio’ [*ti komès*] é fortemente orientado nessa direção. Muitas das minhas interlocutoras se entendem como *machann*.¹¹ Elas afirmam não ‘fazer sara’

10 A expressão *madanm sara* tem como origem um pássaro (de nome idêntico) cujos atributos foram descritos de formas significativamente diferentes a partir de diferentes informantes. Em Métraux *et al.* (1951), trata-se de uma ave migratória destruidora, que arruína as colheitas. O apelido seria como uma acusação metafórica por parte de camponeses haitianos contra as *madanm sara* que supostamente guardavam estoques para causar um aumento artificial no preço, pelo qual elas esperavam antes de vender, sendo portanto as responsáveis pela vida cara. Mintz (1964) afirmou tratar-se de um pássaro migratório barulhento, dupla referência aos hábitos de andar e de falar. Essas comerciantes teriam ganhado esse apelido como uma forma jocosa de chamá-lhes de tagarelas. Já os informantes de Murray e Alvarez (1975, p. 105) o definem como um pássaro migratório que “voa de um lugar para o outro e nunca deixa de encontrar comida, não importa onde esteja”. Eu mesmo não cheguei a ser apresentado aos pássaros *madanm sara*. O termo também pode ser usado para rotas de comércio internacional de produtos industrializados (não agrícolas) feitas por avião, havendo rotas estabelecidas com países como Panamá, Curaçao e, sobretudo, Estados Unidos (PLOTKIN, 1989). Contudo, as pessoas que conheci geralmente restringiam o uso da expressão ao seu sentido mais tradicional, do comércio dos frutos da terra.

11 Essa é a palavra mais comum para ‘comerciante’. Aparece em formas compostas com a mercadoria que está sendo vendida na ocasião. Por exemplo, *machann dlo*, ‘vendedor(a) de água’. Essa é a forma geralmente usada para chamar uma pessoa desconhecida de passagem no mercado quando se deseja comprar aquilo que ela vende (mencionar o

por não terem dinheiro o bastante para investir nos circuitos de mais longa distância, entendendo sua própria posição como mais baixa que a das *madanm sara* para quem vendem (direção ascendente) e de quem compram (descendente). Comparado ao fazer *sara*, o *ti komès* movimentava quantias de dinheiro pequenas. As quantidades negociadas são pequenas, após um processo de subdivisão que chega ao ponto de cortar uma barra de sabão em lascas de $\frac{1}{4}$ vendidas separadamente, a abrir uma caixa de fósforos para separar saquinhos com dez palitos de fósforo em cada, à venda de sabão em pó medido com uma colher de chá. Esse apequenamento de unidades permite que pessoas com um poder de compra reduzidíssimo consigam, contudo, acessar itens que seriam difíceis de comprar caso tivessem que pagar por pacotes maiores. A subdivisão aumenta o número de intermediários, que operam com uma margem de lucro ínfima.

Em termos do volume de dinheiro de cada transação tomada isoladamente, bem como nas quantidades negociadas, o *ti komès* é verdadeiramente pequeno – contudo, se olharmos para a quantidade de pequenas transações e o número de pessoas nele engajadas, o universo do *ti komès* é gigantesco. Se o comércio engaja pessoas de todas as classes sociais, o *ti komès* está para o sistema de comércio interno haitiano assim como os pobres estão para a população em geral – minoritários em termos de prestígio, mas maioria esmagadora no número absoluto de pessoas.¹²

nome da mercadoria ajuda a pessoa a saber que estão se dirigindo a ela). Além do uso como vocativo, que, em contexto, pode ser usado para pessoas que estão ‘apenas vendendo’, o sentido mais substantivo do termo se refere às pessoas que ‘fazem comércio’ propriamente dito, ou seja, compram para revender por lucro numa base constante. Nesse sentido, no universo de minhas interlocutoras, também é bastante comum o uso do prefixo ‘pequena’ [*ti machann*].

- 12 Usando os dados de um censo realizado nos mercados de Porto Príncipe por Uli Locher em 1975, chegamos a uma proporção aproximada de 38 *machann* para cada 1 *madanm sara*. Em minha pesquisa de campo realizada em outra parte do país, quase meio século depois, parece verossímil estimar que haja algo entre 30 e 40 pequenas comerciantes retalhistas para cada uma comerciante de longa distância.

Devemos acrescentar que não são categorias fixas. Uma mulher que passou a vida como ‘pequena comerciante’ e de repente, por um acontecimento qualquer, tem acesso a uma quantia maior de dinheiro, pode arriscar investi-lo em ‘fazer sara’, aventura que pode se sustentar lucrativamente durante anos a fio, assim como pode dar errado e ‘estragar o dinheiro’ [*gate lajan*], expressão que descreve o processo pelo qual um montante coeso de dinheiro, útil enquanto capital, pode esfacelar-se em quantias irrisórias que só servem para ‘comer’. Da mesma forma, uma mulher que atuou boa parte de sua vida como *madanm sara* pode, seja por dificuldades financeiras, seja por desejo de descanso, deixar essa atividade, desmobilizar o capital aí investido para usá-lo de outra forma.

As vivências de Modlin entre ‘pequeno comércio’ e ‘fazer sara’

Esse tipo de comércio embasado em vender, na medida do godo, estoques ‘avançados’, é muitas vezes a única modalidade possível para as comerciantes menos capitalizadas. Modlin hoje considera que “esse comércio não tem nada, só preocupação”. O dinheiro que é possível fazer aí não ultrapassa um nível que Modlin considera baixo, é um ‘comércio besta’ [*komès tenten*], uma correria que paga mal e traz muitos problemas. “Fazer comércio no Haiti não vale a pena, só compensa se for para fazer sara. Só se você tiver dinheiro para comprar grandes carregamentos em Elias Piña, ou direto com os produtores, fretar um caminhão, pagar gente pelo caminho [...]” (desde subornos a funcionários públicos até a compra da proteção vendida por máfias).

Ela oferece diversos motivos para justificar sua repulsa ao pequeno comércio retalhista. Além de trabalhoso demais para o pouco que paga, a dependência de empréstimos é arriscada. O processo de rolamento de dívida pode travar em algum ponto; por exemplo, quando há manifestações e a fronteira se fecha, os credores usuais se negam a fazer novos empréstimos às *machann*: “não adianta eu te emprestar agora mamãe, a fronteira está

fechada, não tem comércio”. Faltariam estoques para vender, enquanto prazos de dívidas já contraídas venceriam, o que traria um problema sério. Existe ainda a inconveniência de que, em caso de morte, um fardo será deixado sobre a cabeça dos filhos.

Assim, Modlin considera mil vezes preferível fazer comércio pagando à vista por seus estoques [*lajan nan men*, lit. ‘dinheiro na mão’] do que ficar pegando *ponya*, palavra que significa tanto ‘dinheiro emprestado com juros’ quanto ‘punhal’. Quando alguém contrai uma dívida nociva (possivelmente sendo enganado no processo), diz-se que tomou um *kout ponya*, expressão traduzível tanto como ‘golpe de punhal’ quanto por ‘golpe de juros’. Como caso concreto, ela mencionou os cambistas que atuam como agiotas, personagem de presença constante na fronteira (em sua grande maioria são homens, e em geral são fluentes tanto no castelhano quanto no crioulo haitiano). Para Modlin, “[...] quando eles emprestam, para eles está tudo certo, podem passar o dia sentados porque estão fazendo o dinheiro trabalhar para eles, enquanto a comerciante que depende deles é roubada duas vezes, uma quando troca o dinheiro [pois a cada conversão entre gourdes e pesos o dinheiro perde um pouco do seu valor], a segunda nos juros pelo dinheiro adiantado”.

Há ainda o desafio de comercializar produtos que são consumidos em casa, situação especialmente delicada para as *machann* que têm muitos filhos, pois estão sempre passando pelas suas mãos quantidades consideráveis de produtos que elas mesmas usam para alimentar as suas famílias, e que podem estar em falta em suas casas. A situação é pior quando se trata de uma família que produz pouco ou nenhum alimento. Alguns vizinhos podem ficar semanas inteiras sem comprar nos mercados, alimentando-se do que plantam (bananas, feijões, batatas, inhame e milhete como as principais), ou trocando pequenas quantias desses cultivos de subsistência por outros produtos desejados para a preparação dos mesmos, como óleo, *maggi* (tabletes de caldo Maggi), sal, açúcar, molho de tomate, cebola etc. As famílias que não cultivam terras não têm essa margem de manobra, são mais dependentes do dinheiro vivo, e uma *ti machann* nessa situação e com

muitos filhos precisará ter um forte autocontrole para que consiga manter a separação entre os estoques que ela têm para vender e as coisas que traz para consumo em casa.

Nos termos locais, o desafio é não ‘comer o dinheiro’ [*manje lajan*]. Não é fácil guardar ao fim do dia no depósito estoques intactos quando se passa necessidade em sua própria casa, é forte a tentação de trazer um pouco disso, um pouco daquilo, e assim, a conta não fecha. O lucro que haveria já foi ‘comido’, o que – segundo argumenta Modlin – nem todas percebem como acontece, pois lhes falta a disciplina de separar os estoques para venda (que, elas não cansam de lembrar, não são verdadeiramente delas, estão apenas emprestados) da ‘provisão’ [*provisyon*], que são os estoques para consumo próprio, para abastecer suas casas.

É assim que as pessoas dizem “ah, o dinheiro se perdeu na minha mão”, “puxaram o dinheiro”, “ela(e) tem *baka*”, “um *baka* fez o dinheiro ir embora”... Mentira, não é verdade. Ela foi e comprou dois sacos de arroz, por 460 *dolà*, um de açúcar por 230 *dolà*, dá 690 *dolà*. Ela pega esse comércio e senta no mercado. Então hoje ela vende uma *mamit* de arroz por 35 *dolà*, e um gode de açúcar por 12 *dolà*. E não vende mais por hoje. Ela vai pra casa, e não tem provisão na casa dela. Tudo deu 47 *dolà*. Esses 47 que ela leva na bolsa não são dela, porque ela comprou a crédito. Mas com esse dinheiro ela compra feijão, óleo, *maggi*, temperos... e pega 4 gode [de arroz] para cozinhar. Amanhã ela vai a Wa Sèk. Esse dinheiro foi “comido”, ela não tem mais. Compra mais dois gode de café. Assim ela “estragou” os 47 *dolà* que vendeu. Quando chega em Wa Sèk, ela vende 2 *mamit* de arroz, 1 *mamit* de açúcar. Com o dinheiro que fez, compra mais feijão, mais óleo, pra fazer comida em casa, e o dinheiro foi embora. Ela fez 4 dias de mercado e no fim, não tem dinheiro nenhum na mão dela. Aí chega e diz, “comadre, eu vendi tanto e o dinheiro sumiu, puxaram da minha mão, foi tal pessoa pra quem eu vendi, tal pessoa tem *baka*”... Mentira, foi ela quem comeu, o *baka* é ela mesma! Porque mesmo se você fizer 10 mercados, você estragou 20 *dolà* em cada um, foram 200 *dolà* que você estragou, e você comprou

por 690 *dolà*. Quando chegar a hora de pagar, o que você vai fazer? (Modlin em entrevista gravada em agosto de 2017).¹³

A solução padrão é tomar novos empréstimos para cobrir os anteriores. Ainda que hoje, em sua maturidade, Modlin critique algumas de suas colegas, vizinhas e amigas por incompetência na separação entre ‘provisões’ e ‘mercadorias’, ela sabe que erros de cálculo não esgotam os riscos envolvidos – muitas outras coisas podem dar errado.

Em sua juventude, Modlin tomou ambiciosamente empréstimos crescentes acreditando que se pudesse comprar mais, os lucros de revenda a garantiriam. Ela comprava e revendia produtos diversos. Por um tempo, dedicou-se ao ramo dos produtos básicos, em sua maioria comestíveis, artigos que compõem o grosso do ‘pequeno comércio’.¹⁴ Em qualquer mercado público no Haiti, é fácil encontrar multidões de comerciantes (nesse ramo em particular, são quase exclusivamente mulheres) dedicadas a esse ramo dos produtos básicos. Não há itens de preço inacessível, todos são produtos de consumo popular, que compõem uma parte significativa da dieta local.

Modlin julgava esse circuito pouco promissor, dado que as margens de lucro aí são sempre pequenas, não é viável vender mais caro, e é preciso ir longe para comprar mais barato. Ela começou a buscar mercadorias mais longe, em Porto Príncipe, que é onde se encontram os melhores preços para alguns produtos industriais (por exemplo, óleo, açúcar, arroz importado).

13 ‘Puxar dinheiro’ [*rale lajan*] se refere a uma modalidade mística de roubo, onde uma nota enfeitiçada é recebida pela vítima, e volta para seu dono/feiteiro trazendo consigo o resto do dinheiro da vítima que entrou em contato com aquela nota. *Baka*, em uma das versões que me foram contadas, é um tipo de ser que assume forma animal e trabalha para um dono, cometendo pequenos roubos a seu mando. *Wa Sèk* é o nome de um dos mercados da região.

14 As principais exceções aos comestíveis são caixinhas de palitos de fósforo, sabão em barra, sabão em pó e *son de ble* (usado para engordar porcos). Além deles, essas bancas costumam contar com diferentes qualidades de arroz, açúcar, óleo, milho moído, farinhas de trigo e de mandioca, sal grosso, *vemisèl*, *spaguetti*, caldo *maggi*, salame, enlatados (leite, leite condensado e molho de tomate), biscoitos doces e salgados, balas e, seguindo os tempos das colheitas, produtos sazonais como diferentes tipos de feijões, laranjas, pimentões, cenouras, tomate, mandioca.

Essa foi uma manobra audaciosa, pois além de precisar arcar com os custos dos deslocamentos frequentes, nada negligenciáveis para alguém na condição dela, entrar nesse circuito exigia que ela tivesse quantidades consideravelmente maiores de dinheiro na mão, pois de nada adianta viajar a Porto Príncipe para comprar em pequena quantidade.

Ela não chegou a ser uma *madanm sara* no sentido estrito do termo, pois os produtos da terra que comprava em sua zona natal não eram trazidos à ‘cidade’ por ela mesma – antes, ela os revendia a outras comerciantes, mais bem capitalizadas, mais capazes de fretar caminhões, e eram essas as responsáveis por fazer tal produção chegar a Porto Príncipe. Ficou amiga de algumas dessas mulheres, que em diversas ocasiões a hospedaram na ‘cidade’. Ela não fazia a viagem de ida de mãos vazias. Além de pequenas mercadorias cujo lucro não tinha pretensões maiores que pagar a passagem, ela costuma levar presentes – em forma de ‘provisões’, ou seja, produtos agrícolas que tinham como destino sugerido o consumo próprio e não a revenda – para as *madanm sara* que a recebiam em suas casas, que ela reconhece como amigas, e que reciprocamente a ajudavam em momentos de necessidade e também lhe traziam, eventualmente, coisas da cidade quando vinham aos arredores de Belladère. Mas o comércio de longa distância praticado por Modlin teve mais o sentido contrário, de comprar em Porto Príncipe mercadorias que revenderia nos arredores de sua zona de origem. Nesse sentido, podemos dizer que ela fez *sara* em pequena escala.¹⁵ Essa extensão de seu raio de ação foi acompanhada também pela diversificação de suas compras, arriscando-se, em diferentes momentos, a abrir novas fren-

15 Se ela chegou a fazer *sara*, movimentando através de maiores distâncias quantias maiores de mercadoria do que as comerciantes retalhistas que atuam num raio de ação menor, ainda assim ela o fez apenas no sentido descendente, já que ela comprou de pessoas/lojas que comercializavam quantidades muito maiores do que as que ela própria movimentava. Já as *madanm sara* stricto sensu dominavam ambas as direções do movimento, comprando em sentido ascendente nas províncias (produtos dispersos que, com seu poder aquisitivo, elas transformavam em unidades de grande porte), revendendo em sentido descendente na cidade para outras comerciantes retalhistas.

tes, algumas logo frustradas (como ocorreu com o material escolar), outras mais duradouras (como sandálias e perfumes).

A periodicidade típica dos mercados haitianos é semanal, em alguns casos bissemanal; além disso, mesmo no caso dos mercados urbanos que abrem todos os dias, costuma haver um ou no máximo dois dias principais por semana (por exemplo, o mercado de Belladère às quartas-feiras e, em menor medida, aos sábados, é pelo menos quatro ou cinco vezes mais cheio – tanto de vendedoras quanto de compradoras – do que nos outros dias da semana). Esse revezamento temporal corresponde a um modo de integração espacial. Usando a casa de Modlin como ponto de referência, por exemplo, temos algum mercado aberto em qualquer dia da semana a uma distância de no máximo três horas a pé (e bem menos que isso de moto), cada dia numa direção diferente. Num raio mais amplo, há várias possibilidades diferentes em qualquer dia da semana. Mercados mais distantes também são visitados, quem vai por vezes combina diferentes meios de transporte no percurso, tomando motos, vans, e até barcos. Existe alguma vaga especialização entre os mercados, no sentido de que mesmo que determinado produto seja encontrável em qualquer mercado, costuma haver um mercado específico no qual será provável encontrá-lo em maiores quantidades, com maior diversidade de qualidades, e com maior margem para negociar os preços. Assim, para comprar e/ou vender bem o amendoim, é preciso ir até Wa Sèk, lógica que vale para diversos produtos, de tal forma que a comerciante que deseje estar abastecida com variedade de produtos precisa estar sempre circulando entre diferentes mercados.

Frequentar três ou quatro mercados diferentes por semana já exige cobrir distâncias consideráveis, já é uma atividade que absorve energia e tempo. Muito tempo é consumido pelos deslocamentos. Além disso, é preciso guardar e buscar cargas em depósitos, amarrar cargas no lombo de animais ou preparar pacotes (com sacos e cordas) transportáveis por moto, negociar com fornecedores quando compra direto com eles (negociações que com frequência incluem uma sociabilidade mais lenta, as melhores

relações não são estabelecidas em conversas objetivas e diretas), além do tempo que passam sentadas vendendo no mercado.

Quem frequenta cinco ou seis mercados por semana vive em movimento, quase sem direito à pausa. Domingos são dias em que a movimentação nos mercados é menor, raros mercados funcionam aos domingos. Podemos, assim, ter a dimensão do que Modlin está falando quando diz que sua necessidade de dinheiro era tão urgente que não era possível descansar nem mesmo aos domingos. Mesmo que pagasse à vista pelos seus estoques (o que por si, supostamente, já a colocava numa situação menos conturbada do que a de muitas), o capital usado para isso era fruto de uma composição de múltiplos empréstimos.

O comércio através da fronteira

Modlin já conhecera o caminho para *la capital* durante sua adolescência, assim como já vendera produtos haitianos contrabandeados para terras dominicanas próximas à fronteira. Vejamos algumas experiências prévias que a inseriram no contrabando em sentido contrário, da RD para o Haiti, e que de alguma forma tornaram possível que, num momento posterior, ela entrasse mais fundo e por sua própria conta para fazer comércio em terra estrangeira.

Hoje em dia, a fronteira entre os dois países é porosa. É muito fácil entrar até certo ponto. O rio Carrizal que faz parte da fronteira é um filete de água que mal molha os joelhos de uma criança que o atravessa em pé. No posto fronteiriço de Carrizal, o trânsito é livre para pedestres sem exigência de documentos, especialmente nos dias de mercado em Elias Piña, segundas e sextas-feiras. O portão na entrada principal abre às oito da manhã e fecha às seis da noite. Existe uma aduana, muitos guardas, e a pressão constante que eles exercem é menos nas pessoas, e mais sobre aquilo que elas trazem consigo. Mercadorias são revistadas, por vezes apreendidas, o que costuma ser resolvido mediante pagamento de propina, cujo valor padrão é de cem pesos (pouco mais de U\$2).

Exceto para os mais ricos, é muito difícil permanecer com os documentos em dia, especialmente passaporte e visto, pois o governo dominicano os vende muito caro a cidadãos haitianos.¹⁶ Isso não impede ninguém de entrar na RD, mas torna precária a situação dos que lá se encontram, especialmente em termos de direitos laborais.¹⁷ A circulação em território dominicano sem cédula nem passaporte pode se dar sem maiores contratempos quando próximo à fronteira, mas a experiência da deportação não é rara.¹⁸ Ultrapassar a linha da fronteira é realmente fácil, permanecer não tanto. Também é menos fácil ir mais longe da fronteira. A partir de Matayaya, local onde há um dos muitos *chequeos* militares na estrada (mas um considerado particularmente duro), o caminho começa a ficar complicado. Mesmo assim, haitianos indocumentados (lembramos que, na situação atual, apenas a elite pode escapar a essa condição) estão frequentemente ultrapassando esse ponto, seja usando os serviços de atravessadores que os ocultam em seus veículos ou motos que fazem seus caminhos entre trilhas e estradas secundárias, seja através do pagamento de propina aos guardas de plantão. O mais comum é uma combinação de ambas as coisas.

16 Visitantes vindos do Brasil não precisam de visto, pagam apenas por uma “tarjeta de turista”, que custa U\$ 10 e é válida por três meses. Essa mesma regra vale para uma lista de 146 países (os cidadãos de outros oito países não precisam sequer dessa tarjeta, podem entrar e sair livremente quando quiserem sem nada pagar). Aos haitianos, está reservada uma modalidade de visto que, na época do meu trabalho de campo (2015–2017), custava U\$ 200, com validade de um ano. Em fevereiro de 2018, o valor então vigente (U\$ 230) foi reajustado para U\$ 350 (ou até \$380, caso o pedido seja feito em regime de urgência), o que motivou protestos. O visto de entrada única (ou seja, expira assim que a pessoa sair da RD) custa U\$ 70, e é aplicado ao Haiti como a uma extensa lista de países, a maioria deles distantes (na África ou na Ásia), mas também a Cuba.

17 Para que se tenha uma ideia de quão perversa pode ser essa situação, Wooding e Williams (2004) citam denúncias de patrões dominicanos que sistematicamente mantinham plantéis de haitianos trabalhando em suas terras durante semanas e depois, na véspera do pagamento, chamavam a migração. Eram todos deportados sem receber um peso.

18 Certo dia a família de Modlin recontava às gargalhadas o caso de um rapaz da vizinhança que conseguiu a proeza de ser deportado três vezes no mesmo dia, as duas primeiras de manhã, a terceira à tarde (e é possível que ele tenha entrado no país vizinho ainda uma quarta vez no mesmo dia).

Nem sempre foi tão fácil entrar na República Dominicana. A rica história dessa fronteira, com séculos de acontecimentos e transformações importantes, foge ao escopo desse texto; mas, a menção a um momento é incontornável. Em outubro de 1937, por ordem direta do então comandante-em-chefe do exército e presidente dominicano, Rafael Leonidas Trujillo, foram assassinados entre 15 e 20 mil haitianos (TURITS, 2002). O massacre, conhecido do lado dominicano como *El Corte*, dotou a fronteira entre os dois países de uma consistência inimaginável até então. O processo foi chamado de ‘dominicanização’ da fronteira.¹⁹

Após 1937, a fronteira terrestre permaneceu oficialmente fechada pelas décadas seguintes, por iniciativa de ambos os Estados nacionais, até sua reabertura progressiva a partir dos anos 1970. Enquanto vigorou esse fechamento mais rígido, o contrabando foi uma atividade para poucos e poderosos, dotados de conexões políticas importantes. Com a reabertura progressiva, houve o movimento ao qual Plotkin (1989) se referiu como a “democratização do contrabando”. Pelo menos do ponto de vista da vizinhança em questão, os tempos áureos do contrabando se deram entre 1986, quando a ditadura dos Duvalier chegou ao fim, e 1995, quando o então presidente Jean Bertrand Aristide extinguiu o exército haitiano, o que facilitou o contrabando a tal ponto que a intermediação dos moradores da fronteira se tornou dispensável. Nessa época, Modlin devia ter algo entre 16 e 24 anos de idade. Ela teve seus primeiros filhos nesse meio-tempo. Muita gente na vizinhança fazia contrabando, ela não foi exceção. Ao contrário do pequeno comércio autônomo descrito nas páginas acima, onde ela própria tomava todas as decisões sobre como, onde, quando e quanto investir, nesse caso ela foi principalmente uma ajudante braçal a serviço de outras

19 Após o genocídio brutal, a dominicanização foi consolidada através da troca para nomes hispânicos de lugares e vilas cujos nomes soavam haitianos, expansão significativa do sistema de ensino público com ênfase na língua e na cultura hispânica, e na criminalização do vodu, cuja pena de dois anos de prisão podia ser trocada pela “pena alternativa” da deportação ao Haiti (DERBY, 1994, p. 512; TURITS, 2002, p. 608-609; WOODING; MOSELEY-WILLIAMS, 2004, p. 21).

comerciantes, principalmente Veronik, mãe adotiva de seu marido. Comerciante bem-sucedida, Veronik lhe ensinou técnicas de contabilidade e chegou a lhe confiar quantias consideráveis de dinheiro.

Anos mais tarde, Modlin já vinha fazendo comércio por conta própria há algum tempo quando a sua situação se deteriorou drasticamente, por diversos motivos, incluindo o roubo de uma compra que deveria abastecer seu comércio por semanas. Incapaz de quitar os empréstimos que tomara, o problema atingiu seu casamento quando seu marido foi forçado a vender um boi, pego de surpresa por um credor a quem ela devia muito dinheiro. Através de pessoas que apareciam para cobrar e pelas fofocas dos vizinhos, ele veio a descobrir o volume das operações dela, das quais até então ele quase nada sabia, e ficou em choque, chegando a ameaçá-la.

Então, Modlin pediu ajuda a seu pai para financiar sua viagem. A situação financeira de seu pai era quase tão precária quanto a dela, seu desejo era ajudá-lo. Não era fácil pedir dinheiro a ele. Ela conta emocionada como o pai, sentado calado na sala de sua casa, ouviu até o fim os planos de sua filha. Ela contatara Soraya, filha de sua irmã Claudette (quase 20 anos mais velha que ela, hoje falecida) para se hospedar em sua casa, na Avenida Mella, onde ela revenderia estoques de *pèpè* comprados em Porto Príncipe. Os *pèpè* nesse caso eram roupas usadas. O termo em si significa ‘de segunda mão’, e se aplica a diversos produtos: sapatos, tênis e outros calçados, malas, mochilas e bolsas, calças, saias, casacos e blusas, tudo é *pèpè*. A imensa maioria dos produtos têxteis hoje em circulação no Haiti é *pèpè* (como única exceção, parece digna de nota: não me lembro de ter visto *pèpè* de roupas íntimas).

Modlin propôs levar *pèpè* para vender em Santo Domingo. Ao terminar de ouvi-la, seu pai se levantou sem ter dito nenhuma palavra, e saiu para um quarto interno da casa. Alguns momentos depois, voltou trazendo as economias de uma vida de trabalho. Seus olhos ainda marejam ao evocar essa lembrança. Embora seu pedido tenha sido alto, ele trouxe ainda mais dinheiro do que ela havia solicitado, um gesto de grande sacrifício. Com esse profundo voto de confiança paterna, Modlin foi embora segurando o

choro, sem olhar para trás. Para ela, só uma coisa era ainda mais importante que a bênção de seu pai: a bênção de Deus, personagem ao qual ela se refere com frequência.

Em viagens mais perigosas, como idas a Porto Príncipe para abastecer comércio, é preciso pedir proteção contra ladrões, contra forças espirituais malignas, contra acidentes de trânsito. Das vezes em que vi Modlin preparar-se para pegar a estrada, sempre escutava-a rezando antes de sair, não orações formulares, mas como longas conversas improvisadas com Deus, nas quais ela elenca todos os problemas que pode vir a encontrar no caminho, reafirma sua confiança no poder de Deus contra todas as outras forças e entidades contrárias, nomeia inimigos afirmando que seu Deus vai ‘quebrá-los’ [*kraze*], e reafirma dedicar sua própria vida ao louvor e glória de Deus.

Na época em que começaram as viagens aqui narradas, ela já havia se convertido ao protestantismo, processo que, embora marcado por um rito de batismo, ela descreve como algo gradual, pois no início ela “ainda não tinha Deus firme no meu coração”. Agradar a Deus é importante tanto de um ponto de vista moral quanto por suas consequências práticas. Ela foi primeiro para Porto Príncipe, onde comprou algumas peças novas e muito *pèpè*, e de lá para Santo Domingo. Afirmou uma e outra vez como uma voz a dirigia, dizendo onde comprar, o que comprar, onde vender. Esse modo de apresentação (“uma ideia me disse”, “uma voz me mandou para tal lugar...”) não foi compreendido por mim. Modlin, então, me explicou que podemos ser dirigidos por vozes que aconselham bem ou mal, há uma variedade de fontes possíveis para essas “vozes”. Como ela “tem Deus no coração”, foi bem-aconselhada. Recebeu instruções bastante específicas, tal como num fim de tarde em que ela pretendia desmontar sua banca, a voz a mandava esperar mais quarenta minutos, ou quando ela se dirigia para ir vender em um determinado ponto, a voz dizia não, ao invés disso pegue tal avenida; depois, sente-se na praça tal, onde ela se deparava com um grupo de turistas que lhe compravam de tudo.

Para surpresa das outras *machann* com quem ela dividiu quarto, mais experientes que ela, a novata saiu-se excepcionalmente bem. Conseguiu proezas como vender uma mala inteira de roupas em uma tarde, e revender a um turista uma única blusa por um preço mais alto que os dois pacotes originais, contendo doze blusas cada, que ela comprara em Porto Príncipe. Convidaram-na para se estabelecer na capital, no desejo de fazer comércio em parceria com ela. Também em terra estrangeira, as relações entre as *machann* são polivalentes, os limites entre concorrência, amizade, necessidade e interdependência podem ser indiscerníveis. Apesar dos excelentes negócios, após algumas idas e vindas, ela apenas juntou dinheiro o bastante para quitar suas dívidas no Haiti, e voltou para perto dos seus, sempre se afirmando muito apegada ao ‘seu sangue’ (cujas principais referências são seus filhos e filhas, pai e mãe).

A experiência das viagens passando dias e semanas longe de casa vinha mais como fardo pesado que como liberdade prazerosa. A jornada de Modlin foi abençoada por um Deus que se compadeceu de seu sofrimento e que se agradava com a sua fé; por isso, ajudou-a a quitar suas dívidas quando ela se aventurou por caminhos que até então desconhecia. Como esse dinheiro tinha aprovação divina, suas dívidas foram pagas e tudo terminou bem.

Conclusão

Em crioulo haitiano, o verbo ‘fazer’ é usado para caminhos [*chemen, wout*]. Fazer um caminho é encontrar lugares por onde passar. Em certo sentido, é como se os caminhos não preexistissem, mas fossem criados ao serem percorridos. Adotando um ponto de vista estritamente etnográfico, podemos sugerir uma crítica à associação romântica entre movimento e liberdade, uma vez que o vaivém constante pode ser experimentado como algo duro, obrigatório e indesejável.

Alguns caminhos são mais estáveis que outros. As estradas eventualmente definham, podem ser reformadas ou abandonadas, mas seu ciclo é

relativamente longo, enquanto outros caminhos podem se fechar no mesmo dia em que foram abertos.²⁰ Há um intenso compartilhamento de informações sobre os caminhos, desde um bloqueio na estrada até as condições de visto em diferentes países da América do Sul, formas de chegar tanto no sentido de quais caminhos tomar, e por quais meios, quanto no sentido de com qual postura e aparência deve chegar. A navegação nesse terreno exige ‘conhecimento’ [*konesans*], algo muito valorizado entre as *machann* para cruzar caminhos, atravessar passagens, para entender os ritmos de abertura e de fechamento (pois ambos são momentos).

O conhecimento é distribuído de forma desigual. Consciente de que certos conhecimentos são valiosos justamente porque muita gente os ignora, Modlin me pediu que não descrevesse o comércio que ela faz hoje, “[...] porque, se as pessoas souberem o dinheiro que ele dá, vão vir tomar o meu comércio da minha mão”. A valorização do conhecimento diz respeito tanto ao saber empírico sobre como chegar a este ou àquele lugar, quanto o conhecimento das vontades de Deus e da bíblia. Quando me pediu que não descrevesse o ramo que ela hoje explora, completou; “Ninguém precisa saber. Quando eu faço meu comércio, faço em segredo, eu e Deus.”

Referências bibliográficas

ANGLADE, Georges. *Espace et Liberté en Haïti*. Montréal: ERCE, 1982.

BARTHÉLEMY, Gérard. *Le pays en dehors* – essai sur l’univers rural haïtien. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps; Montréal: CIDIHCA (Centre International de Documentation et d’Information Haïtienne, Caraïbéenne et Afro-Canadienne), 1989.

20 Não falamos das viagens de avião porque Modlin nunca entrou em uma aeronave; mas, vale lembrar que a diáspora, os caminhos para fora da ilha, são um tema complexo, doado de uma vasta literatura (entre a qual o trabalho de JOSEPH, 2015 serve como um bom guia). Parte fundamental da economia do Haiti hoje depende de remessas vindas do exterior, e esses são caminhos que também precisam ser ‘feitos’.

BRAUM, Pedro. *Ratpakaka: política, desenvolvimento e violência no coração de Porto Príncipe*. 2014. 448 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle. Notas sobre diferenças e diferenciações etnográficas do movimento. *Ruris – Revista do Centro de Estudos Rurais*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 143-166, 2015.

DERBY, Lauren. Haitians, Magic and Money: Raza and Society in Dominican Borderlands, 1900-1937. *Comparative Studies in History and Society*, v. 36, n. 3, p. 488-526, 1994.

DESPRATEL CABRAL, Alberto E. *El consulado de Belladere en las Relaciones dominino-haitianas 1931-1963*. Santo Domingo: Manati, 2005.

JOSEPH, Handerson. *Diáspora*. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015. 429 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LOCHER, Uli. The Market System of Port-au-Prince. In: MINTZ, Sidney (ed.). *Working Papers in Haitian Society and Culture*. Antilles Research Program Occasional Papers n° 4, New Haven: Yale University, 1975. p. 127-182.

MÉTRAUX, Alfred *et al.* *L'Homme et la Terre dans la Vallée du Marbial, Haïti: rapport établi par Alfred Métraux avec la collaboration de M. E. Berrouet et du Dr. Jean Comhaire-Sylvain et Mme. Suzanne Comhaire-Sylvain*. Documents spéciaux d'éducation n° 10. Paris: Unesco, 1951.

MINTZ, Sidney. The employment of capital by Haitian market women. In: FIRTH, Raymond William; YAMEY, Basil S. *Capital, savings and credit in peasant societies*. Chicago: Aldine, 1964. p. 256-286.

MOTTA, Eugênea. Houses and Economy in the Favela. *Vibrant*, v. 11, n. 1, p. 118-158, 2014.

MURRAY, Gerald; ALVAREZ, Maria Dolores. Haitian Bean Circuits: Cropping and Trading Maneuvers among a Cash-Oriented Peasantry. In: MINTZ, Sidney (ed.). *Working Papers in Haitian Society and Culture*. Antilles

Research Program Occasional Papers n° 4, New Haven: Yale University, 1975. p. 85-126.

PLOTKIN, Donna. *The International Traders of Haiti: the Madam Sara*. Relatório escrito para a Economic Commission for Latin America and Caribbean, Caribbean Development and Cooperation Committee. Port-of-Spain, Trinidad: Organização das Nações Unidas (ONU), 1989.

SCHWARTZ, Timothy. *Subsidizing Self Destruction* – Madam Sara vs Komesan. Blog entry, 2012. Disponível em: <https://timothyschwartzhaiti.com/madam-sara/> Último acesso em 09 de outubro de 2021.

STAM, Thalita. *From Gardens to Markets: a Madam Sara perspective*. Relatório escrito para a CORDAID, 2012.

TURITS, Richard Lee. A World Destroyed, a Nation Imposed: the 1937 Haitian Massacre in Dominican Republic. *Hispanic American Historical Review*, v. 8, p. 3, 2002.

WOODING, Bridget; MOSELEY-WILLIAMS, Richard. *Needed but unwanted* – Haitian immigrants and their descendants in Dominican Republic. Londres: Catholic Institute for International Relations (CIIR), 2004.